

**Memórias de uma viagem ao
Funchal
Universos de Memórias**

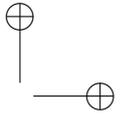
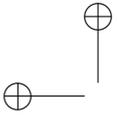


Annabela Rita

CLEPUL

2012

www.lusosofia.net



Texto publicado originalmente no sítio www.triplov.org em 3 de março de 2004.

O texto original pode ser consultado em:

http://www.triplov.com/anna_bela_rita/funchal/FrameSet.htm

http://www.triplov.com/anna_bela_rita/funchal/pages/ab.htm

http://www.triplov.com/anna_bela_rita/funchal/pages/b.htm

http://www.triplov.com/anna_bela_rita/funchal/pages/c.htm

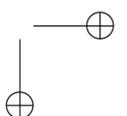
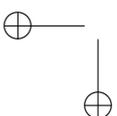
http://www.triplov.com/anna_bela_rita/funchal/pages/d.htm

http://www.triplov.com/anna_bela_rita/funchal/pages/e.htm

http://www.triplov.com/anna_bela_rita/funchal/pages/f.htm

http://www.triplov.com/anna_bela_rita/funchal/pages/g.htm

http://www.triplov.com/anna_bela_rita/funchal/pages/z.htm





LUSO Sofia:PRESS

Lisboa, 2012

FICHA TÉCNICA

Título: *Memórias de uma viagem ao Funchal: Universos de Memórias*

Autor: Annabela Rita

Colecção: Artigos LUSOFONIAS

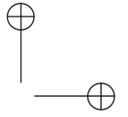
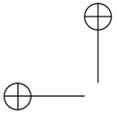
Design da Capa: António Rodrigues Tomé

Composição & Paginação: Luís da Cunha Pinheiro

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Lisboa, setembro de 2012



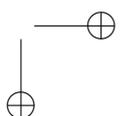
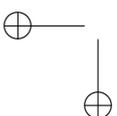


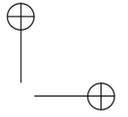
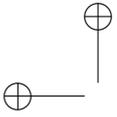
Memórias de uma viagem ao Funchal: Universos de Memórias

Annabela Rita
CLEPUL

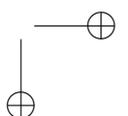
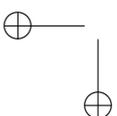
Ao lado de uma tradição de viagens ficcionais, bem testemunhada por obras como *História verdadeira [de uma viagem à lua]* (c. 200 d. C.), de Lucien de Samosate, *A Navegação de S. Brandão* (c. 1130), de Benoît, *Le Purgatoire de Saint-Patrick* (c. 1188), de H. de Saltray, *A visão de Alberico* (c. 1127), de autoria anónima, *A Utopia* (c. 1518), de Thomas Morus, *A Cidade do Sol ou ideia de uma República Filosófica* (c. 1613), de Tommaso Campanella, *L'Autre Monde: Les États et les Empires de la Lune et du Soleil* (1657-1622), de Cyrano de Bergerac, *The Pilgrim's Progress* (1684), de John Bunyan, *Gulliver's Travels* (1726), de Jonathan Swift, *Giphantie* (1760), de Charles-François Tiphaine de la Roche, ou *La Découverte Australe par un Homme-Volant, ou le Dédade Français* (1781), de Nicolas-Anne-Edme Restif de Bretonne, para só mencionar estas, narrativas de *Voyages aux Pays de Nulle Part*, como as designou Francis Lacassin¹, outras há que se realizam de facto e que estão na origem de obras de diversa índole. Pois estas notas radicam numa viagem ao Funchal e na vivência

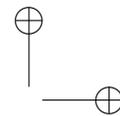
¹ Francis Lacassin (éd.), *Voyages aux Pays de Nulle Part*, Paris, Robert Laffont, 1990.





de uma tarde ensolarada de gratos encontros e reencontros com a Literatura e com as pessoas, leitores, amigos, colegas, escritores, escultores, antigos alunos, etc.. Memória de uma tarde em Universos de Memórias.



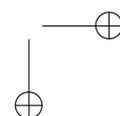
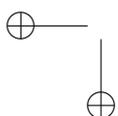


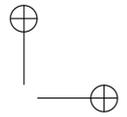
PRIMEIRA VISITA: A CASA DO ARTISTA²



Casas do Artista Tão diversas, desde as pessoais às personalizadas, das íntimas às mais plurais, das reais às virtuais, das de culto às de convívio intelectual.

² Casa do Artista – Quinta Carlos Cristóvão, Sítio do Caramanchão, 9200-073 MACHICO.





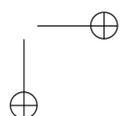
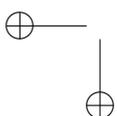
Aquela onde viveu certo autor, tentando manter tudo como se ele ainda lá estivesse, às vezes, até, ostentando um livro aberto, os óculos displicentemente sobre a mesa, uma página semi-escrita, numa clara encenação da vida, ou do “chamamento”, à semelhança do que Agustina diz do trabalho do biógrafo, sob o signo do transe mediúnico:

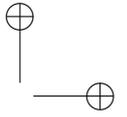
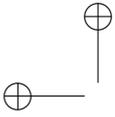
“Alguém /.../ disse-me que para escrever uma biografia se tinha rodeado de retratos daquela pessoa que iria chamar. Chamar, é o termo. É usado nas sessões espíritas para evocar a presença dos mortos. Quando queremos conhecer esse que já não é deste mundo e que deixou uma lenda na sua passagem, ou uma obra de que podemos fazer uso, temos de o chamar”³

A Casa-Museu de Camilo, em S. Miguel de Seide, as de Régio, a de Goethe, em Weimar, etc., tantas subitamente descobertas em descontraídos passeios ou visitadas em cultuosa peregrinação. Muitas, combinando a encenação da vida com a museologia da obra e do homem⁴.

³ Agustina Bessa-Luís, *Sebastião José*, Lisboa, Guimarães Editores, 2003, p. 7.

⁴ Por exemplo, bem expressivos disso são os termos do comunicado à imprensa da Casa de Petrarca, em Arquà, por ocasião da sua reabertura, em 5 de Dezembro de 2003: “Il nuovo allestimento, finalizzato ad offrire maggiori informazioni e spunti di riflessione sulla vita e sulle opere del Poeta, è stato voluto ancora più rispettoso della suggestione del luogo e delle testimonianze della quotidianità di vita del Petrarca che la Casa conserva integre da secoli. In esso, particolare attenzione viene riservata alla Casa stessa, meta di *pellegrinaggio sentimentale e letterario* sin dai primi anni dopo la morte del Poeta e trasformata ben presto in “museo” delle memorie petrarchesche: il visitatore è stimolato a ripercorrerne la storia e ad ammirare gli affreschi cinquecenteschi ispirati alle opere del Petrarca che la decorano. Al primo piano trova nuova collocazione una scelta di disegni, incisioni e oggetti legati alla Casa e al suo mito nelle sezioni: “La Casa di Francesco Petrarca”, “Iconografia del Petrarca e di Laura”, “Arquà e il territorio circostante”, “La tomba del Petrarca”, “Il mito della Casa:





As que recolhem um espólio do artista e se lhe dedicam museologicamente. Ou as que, em torno da sua memória, atraem os seus leitores e os projectam para outras leituras, promovendo todo um conjunto de iniciativas culturais que as inscrevem na ordem do dia, tornando a homenagem em *actualização e classicização* desse autor. A Casa Fernando Pessoa é disso um bom exemplo, vertido em letra na revista que lhe evoca um texto e que, periodicamente, lhe reinscreve novos sopros poéticos e ensaísticos: a *Tabacaria*.

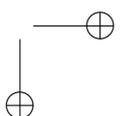
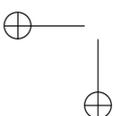
As que evocam os seus autores de culto on-line, informando sobre a sua vida, obra e bibliografia, estimulando o seu conhecimento, mas também um diálogo alargado, internacional, sem fronteiras. Como *La Maison de l'Artiste* de Claude Monet⁵.

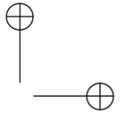
As plurais, extensivas a grupos, movimentos, temas ou à Arte, em geral. Temáticas, como *La maison cubiste*, que assim se apresenta nos seus desbobráveis dedicada a uma escola e estilo:

“En 1912, dans le cadre du Salon d’automne, les frères Duchamp associés au designer André Mare, présentent un projet de maison meublée et décorée, dans laquelle les artistes

i registri dei visitatori”, “Il mito della Casa: le ‘reliquie’ e le medaglie commemorative”. Al piano terra trova spazio una mostra fotografica che ricorda le tappe cruciali della vita di Francesco Petrarca e ripercorre gli itinerari e i soggiorni del Poeta nel Veneto: per l’occasione il fotografo Lorenzo Capellini ha realizzato nuove immagini tratte dai cicli di affreschi padovani che riportano i ritratti del Petrarca, recentemente restaurati, e il professor Giuseppe Frasso ha curato i testi relativi alla biografia del Petrarca.” (itálico meu) E, em conclusão: “La memoria del Poeta aleggia sull’intero, antico abitato di Arquà, immerso nel verde popolato da giuggioli del Parco Regionale dei Colli Euganei. A pochi passi dalla Casa, l’Oratorio della Santissima Trinità che egli frequentava (in occasione di queste celebrazioni centenarie sarà anch’esso oggetto di restauro), poco più in basso, l’antica pieve di Santa Maria Assunta sul cui sagrato sorge l’arca marmorea che contiene i resti mortali del Poeta, accanto, la fontana detta del Petrarca: il Poeta continua a vivere attraverso versi e personaggi che annullano il tempo, le distanze e le diversità” (comunicado reproduzido on line em: <http://www.padovanet.it/museicivici/petrarca.PDF>)

⁵ <http://perso.wanadoo.fr/jenl/oeuvres.htm>.





cubistes exposeront des oeuvres. On l'appellera la Maison Cubiste.”

E que nos acolhe com a seguinte saudação internética:

“Bienvenue à La Maison Cubiste, site artistique de Marc-Alexandre Gagnon. Vous trouverez à gauche les chambres à visiter. Ayez du bon temps!”⁶

Ou genologicamente especializadas, como a americana Poets House, que assim se apresenta dedicada à poesia:

“The House That Holds a Country

Poets House is a literary center and poetry archive – a Collection and meeting place that invites poets and the public to step into the living tradition of poetry. Our poetry resources and literary events document the wealth and diversity of modern poetry, and stimulate public dialogue on issues of poetry in culture.

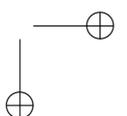
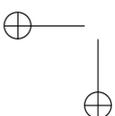
Founded in 1985 by poet Stanley Kunitz and arts administrator Elizabeth Kray, Poets House is a home for all who read and write poetry.”⁷

Ou como a Poetry House australiana, criada “[t]o celebrate the establishment of the Poetry Australia Foundation” e convidando “[e]veryone interested in poetry / . . . / to come in, have a look around and find out about our plans for the Foundation”⁸, ou, ainda, a palestiniiana *House of Poetry*, do Palestinian Cultural Center, com ideário nacionalista, que assume a protecção dos jovens poetas e a missão de difusão mundial da sua obra, a *Casa del Poeta peruana*, etc.. Ou a arqueo-museológica *Casa del Poeta Tragico*, em

⁶ http://artvisuel.levillage.org/maison_cubiste.html.

⁷ <http://www.poetshouse.org/about.htm>.

⁸ Citado do desdobrável.





Pompeia. Para já não mencionar projectos de revistas impressas ou on line que se assumem como casas literárias, caso, respectivamente, da venezuelana *La Casa del Poeta*⁹ ou da *Chop House Review* onde a poesia e a ensaística se encontram, acolhendo-nos com a saudação:

“Welcome to the Chop House Review – a website and mastery forum for both metrical poetry and free verse. Here you will find poets and critics who wish to craft and hone their work to deeper levels of perception and understanding. While the poetry boards are the places to post your poems for comment, the other categories are for more lively exchanges on all aspects of poetry, poetics, politics and satire. We hope you will enjoy your time here.”¹⁰

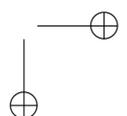
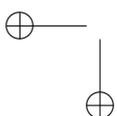
Também iniciativas como os Incontri Internazionali di Poesia organizados pela *Casa della Poesia* de Salerno, que reivindica o seguinte projecto:

“La Casa della Poesia è un progetto ideato per consentire di essere allo stesso tempo ospiti ed ospitati dall’immaginario in divenire. Le pietre angolari di questa casa sono i poeti, gli scrittori, i musicisti e tutti coloro che con la loro partecipazione contribuiscono alla definizione di un luogo che volutamente non ha limiti o forme predefinite.

Oggi la Casa della Poesia è un laboratorio internazionale volto alla promozione della poesia e della sinergia con gli altri linguaggi artistici e multimediali. Non una semplice struttura di archiviazione dunque, ma un itinerario dinamico,

⁹ Que se anuncia assim: “Los vates ya tienen una morada donde habitar, ‘La Casa del Poeta’, una revista literaria impresa cuyo principal propósito es difundir la obra de autores reconocidos y de quienes están emergiendo en el mundo de las letras.” (citado de <http://www.geocities.com>).

¹⁰ <http://poetrynow.net/>.





che insegue l'idea del viaggio, del labirinto borgesiano, un percorso pieno di incontri, scoperte, alla ricerca di luoghi vicini e lontanissimi, di culture diverse e simili, di radici e di proiezioni. Conseguentemente, essa ha una duplice connotazione: da un lato il legame con il territorio nel quale è situata, dall'altro la natura internazionale esaltata da una rete virtuale di comunicazione, che sfocia in un'adequata presenza sul web.”¹¹

As que se constituem em Associações. Como a *Maison Internationale des Artistes*, criada em Paris, em 1952, com instalações que abrigam desde a Biblioteca e a Videoteca até aos quartos e ao restaurante e café, aberta a artistas do mundo inteiro e com um projecto ambicioso¹², ou a menos ambiciosa *Casa del Poeta di Gi-*

¹¹Citado de desdobraível de 2001 reproduzido na net em <http://www.nonsoloparole.com/docword.sidaja2001.doc>.

¹²Projecto que assim se apresenta:

“La Maison des Artistes est, avec l'Agessa, l'un des deux organismes agréés



*aveno*¹³. Ou a *Maison de la Poésie de Namur*¹⁴, *La Maison de la Poésie Rhône-Alpes* ou a *Maison de la Poésie d'Amay*, que orga-

par l'Etat pour la gestion des assurances sociales des artistes auteurs. Elle gère les auteurs d'oeuvres graphiques et plastiques (peintres, sculpteurs, graveurs, dessinateurs textiles, graphistes, illustrateurs autres que les illustrateurs d'écrits littéraires et scientifiques, auteurs de tapisseries ou textiles muraux, de mosaïques et de vitraux). Constitué en association, cet organisme assume le rôle d'employeur pour l'affiliation (c'est lui qui transmet votre dossier aux caisses primaires pour que vous soyez immatriculé à la sécurité sociale), il recouvre les cotisations sociales mais ne verse pas les prestations (celles-ci sont versées par les caisses de sécurité sociale). C'est la caisse primaire d'assurance maladie qui notifie la date d'effet de l'affiliation à l'artiste et délivre la carte vitale.

La maison des artistes est chargée notamment :

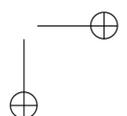
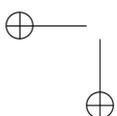
- du recensement permanent des auteurs d'oeuvres originales graphiques et plastiques (peintres, dessinateurs, sculpteurs, graveurs, illustrateurs autres qu'illustrateurs d'écrits littéraires et scientifiques diffusés par la voie du livre, graphistes, auteurs de tapisseries, textiles muraux, mosaïques et vitraux),
 - de procéder à l'assujettissement aux cotisations de revenus des artistes de la branche précitée,
 - de faire procéder à l'affiliation et au renouvellement d'affiliation par les CPAM,
 - de recouvrer les cotisations sociales, la CSG et la RDS.”
- (<http://www.maisondesartistes.org/pres.htm>).

¹³Cujo projecto, no enunciado dos seus “Soggiorni Artistici presso ‘L’Arco delle Streghe””, a aproxima do da Casa do Artista do Machico:

“L’associazione mette a disposizione degli artisti europei – pittori, scultori, poeti, scrittori, musicisti, fotografi- uno spazio di vita per soggiorni da una a tre settimane. Durante il soggiorno dell’artista, l’associazione organizza degli incontri, nel corso dei quali egli potrà presentare le proprie opere al pubblico. /.../ L’associazione proporrà inoltre percorsi culturali mirati alla tipologia del territorio di Giaveno e dintorni: storia locale; forti delle valli;abbazia; Museo Egizio e del Cinema di Torino; itinerario Luigi Pirandello e Cesare Pavese...”

E aceita candidaturas acompanhadas dos *curricula* dos artistas, sujeitos a apreciação. “Les Droles” é uma “associazione di poeti e artisti organizza incontri e scambi culturali con artisti europei”.

¹⁴ Casa que se afirma “un lieu de rencontre, de réflexion, d’animation, d’information, de création et d’éducation permanente touchant la poésie francophone de Belgique et celle des autres pays, tant dans leurs aspects contemporains qu’historiques”, mantendo relações internacionais intensas, quer com suas



nizam encontros poéticos, espectáculos, etc., enfim, toda uma lista interminável de exemplos semelhantes que o mundo nos oferece, até em África, de Marrocos a Dakar.

Outras, ainda, são parte de uma organização empresarial, destinadas a criar condições de trabalho para os artistas com contratos de exclusividade. É o caso de *Cheshire Pond – Writer’s Residence*, do grupo Windstorm Creative (criado em 1989), integrado na Orchard Creative Group, organização internacional dedicada a publicações de toda a espécie, desde livros a edições electrónicas, de jogos a DVDs e CDs de música, de produções teatrais a cinema e a eventos de arte visual.

E já não me refiro aos programas de intercâmbio universitário dedicados aos escritores, como o *Victoria University Writer’s Fellowship*, “available to a writer in any area of literary and creative activity, including drama, fiction, poetry, New Zealand art, biography, history, film, theatre, new media etc.”¹⁵ e tantos outros.

A Casa do Artista da Madeira oferece-se com um projecto diferente, mais intimista, selectivo e personalizado, como algumas outras que discretamente vão surgindo pelo mundo fora, sob o impulso de instituições culturais que desejam furtá-las à publicitação invasiva¹⁶. Porém, a experiência, na multiplicação dos contactos e

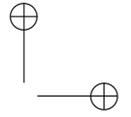
homólogas, quer com personalidades culturais. E que se coloca nos seus folhetos sob o signo de uma citação de *La Nostalgie des origines* de Mircea Eliade:

“Il ne s’agit pas simplement d’élargir notre horizon, d’accroître quantitativement et de manière statique notre connaissance de l’homme: c’est la rencontre, la confrontation avec les autres qui est stimulante et fertile sur le plan culturel; c’est l’expérience personnelle de cette herméneutique unique qui est créatrice.”

¹⁵ Citado de um impresso desdobrável.

¹⁶ É o caso, p. ex., de *Le Château de Lavigny – Résidence pour Écrivains/Writer’s Residence* (em Lavigny, na Suíça), da Fondation Ledig-Rowohlt, que convida e aceita autores para permanências de trabalho limitadas, organizando com eles sessões de leitura de obras, de conversas literárias, etc., sempre em pequenos grupos, e que se caracteriza do seguinte modo:

“La résidence internationale pour écrivains au Château de Lavigny a été fondée par feu Jane Rowohlt à la mémoire de son époux, l’éditeur allemand Hein-



do intercâmbio, poderá imprimir-lhe uma dinâmica que a faça vir a assumir outros contornos, mais ambiciosos e, por isso, estrutural e financeiramente mais exigentes.

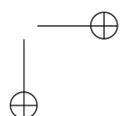
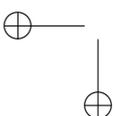
Miradouro privilegiado sobre o vale do Machico que se espreguiça até ao mar, o Solar de São Cristóvão, edificado pelo morgado Cristóvão Moniz de Menezes em 1692, evoca o santo e o fidalgo, na casa como na capela e no belo jardim que me acolhe, gentilmente conduzida por Lúcia Galhardo, atenciosa Relações Públicas da DRAC (Direcção Regional dos Assuntos Culturais), lembra também outros donos cujos nomes se descobrem num azulejo armoriado na parede ao cima da escada: Moniz, Menezes, Câmara, Drummond.

Carlos Cristóvão da Câmara Leme Escórcio de Bettencourt (1924-1998), poeta e escritor, em 13 de Março de 1987, doou à Região Autónoma da Madeira a capela e o Solar de São Cristóvão, actualmente classificado como Património Cultural.

Muitos por ele passaram, alguns sobrevivendo ainda na memória das gentes locais, como Madre Mary Jane Wilson (1840-1916), a quem se deve, por acordo com D. Júlia de Bettencourt, filha e herdeira do morgado de São Cristóvão, a instalação no Solar de São Cristóvão de um centro educacional em 1905.

Desde 27 de Janeiro de 2000, o Solar de São Cristóvão é a Casa do Artista, hospedando personalidades de reconhecido mérito que, a convite do Governo da Região Autónoma da Madeira ou

rich Maria Ledig-Rowohlt. Son vœu était de faire de leur domicile, le Château de Lavigny, une résidence pour écrivains désireux de partager ‘un esprit de communauté internationale propice à la création’. En 1996, ‘un petit groupe de gens de lettres et d’administrateurs bénévoles de divers pays s’est engagé à donner vie à cette institution. Ledig-Rowohlt qui publiait Albert Camus, William Faulkner, Ernest Hemingway, Günther Grass, Vladimir Nabokov, John Updike, Harold Pinter, Jean-Paul Sartre et bien d’autres grands écrivains du XXème siècle, cherchait encore et toujours de nouvelles voix. La Fondation, fidèle à cet esprit, encourage les jeunes auteurs ainsi que les autres, déjà consacrés, à se présenter. Elle favorise ceux qui désirent échanger des idées tout en se concentrant sur leur propre œuvre.’ (citação retirada de um desdóbravel).

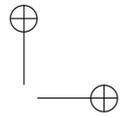


por proposta de instituições culturais, desejem desenvolver alguma actividade de carácter cultural. Em contrapartida, deixam um testemunho da sua obra e estreitam laços com os colegas de ofício, mas também com a comunidade madeirense em geral, quer através do convívio local, quer através de iniciativas de sessões organizadas em escolas, bibliotecas, etc..

Construção de um poeta oferecida ao sonho de outro, João Carlos Abreu¹⁷, que, como Secretário Regional do Turismo e Cultura da Madeira, a tornou obra de um governo.

Aos poucos, nas memórias do solar, outras se vão imbricando, redefinindo a família à escala da universalidade possível que a cultura instaura, dissolvendo os originais critérios de sangue e de propriedade. A própria fisionomia doméstica se transforma. Pela reorganização dos espaços e da decoração, favorecendo a habitação temporária de intelectuais que lá vão fazer avançar os seus projectos de trabalho. Mas também pelos vestígios da singularidade estética e da humanidade de quem por lá passou: livros, CDs com exposições, pinturas, fotografias, etc., além de peças mais pessoais, esquecidas ou propositadamente deixadas para aligeirar a bagagem, documentos em computador, esboços sobre o cavalete, etc.. Ou podem seguir o exemplo de Casimiro de Brito, que tem dirigido o Festival Internacional de Poesia de Porto Santo, e que lhe doará uma biblioteca de 1000 obras, entre elas primeiras edições e edições autografadas, conjunto que ficará com o seu nome. Ou, como Ana Hatherly, podem desejar deixar a sua marca, através de um

¹⁷ Poeta, João Carlos Abreu tem doze livros editados, nove em poesia e três em prosa, tendo sido já galardoado em alguns eventos literários, nomeadamente no Prémio Capri. Ganhou ainda alguns prémios de mérito turístico pelo trabalho desenvolvido em prol da cultura e turismo da Madeira. Obras principais: *Poema Nova York* (1995), *Carta Amiga aos Autarcas da Minha Terra* (1985), *Da Ilha e de Mim* (1980), *O Turismo das Culturas* (1990), *Porta Aberta* (1990), *Sobre o Voo da Gaivota* (1994), *Dos Deuses ao Turismo Rural* (1996), *Mon Île* (1996), *Dona Joana Rabo de Peixe* (1996), *Água no Mar* (1999), *A Barca sem Rumo* (2001).

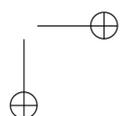
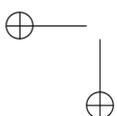


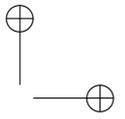
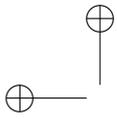
prémio de criação (no caso, de artes plásticas), estímulo sempre bem-vindo.

No livro de visitas, a última página escrita estava quase completamente preenchida por caracteres orientais lembrando um pequeno exército de insectos perfilados que, de súbito, encenassem um inesperado e mágico *ballet*. Na palidez da folha, o traço negro do pincel sugeria, em plano recuado, um teatro de sombras acompanhando a evolução da dança. Por baixo, uma fina caligrafia europeia pareceu congelar o movimento anterior na tradução que ensaiou. Faltava ainda a assinatura da pintora e escultora japonesa que lá estava na altura, reservando essa inscrição para o momento da partida. Assinatura em jeito de grata despedida de uma terra que adoptou e que tornará mais uma referência da sua arte.

Memórias, portanto, acarinhando-se mutuamente, tecendo afectos, vertendo-se em obra e em vestígios dela, marca d'água que começa a projectar a Madeira num terreno ainda de poucos, universos de discreta excelência cultural.

Lugar de encontro, de descoberta e de criação, a Casa do Artista transforma-se depois, na distância do tempo e da viagem, numa quase mítica e, no entanto, tão familiar, casa de desejado regresso.

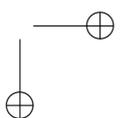
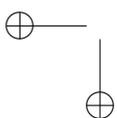


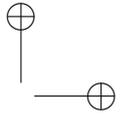
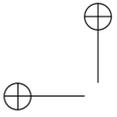


SEGUNDA VISITA SOB O SIGNO DA *MELANCOLIA*



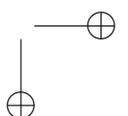
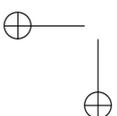
A ocasião foi uma sessão do Centro Cívico e Cultural “Universo de Memórias” de João Carlos Nunes de Abreu (mais conhecido como “Centro Cívico e Cultural de Santa Clara”) realizada no dia 10 de Fevereiro de 2004, às 17h00, e dedicada à obra de Casimiro de Brito, autor que há muito trabalho e que eu tive, mais uma

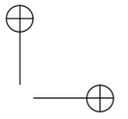
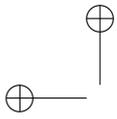




vez, o privilégio de apresentar, desta vez, a convite da Secretaria Regional da Cultura.

Nas sombras e na brisa que docemente invadiram o “Universo de Memórias”, pressenti o insuspeitado fantasma desse génio ou anjo da *Melancolia* (1514), de Albrecht Dürer, autorepresentação do sujeito na confluência de práticas e de saberes, rodeado de insígnias da Arte, da Ciência, das tradições esotéricas, etc., ponderando a tradição através dos seus símbolos maiores, para exemplo do futuro, mas também questionando-se sobre a fugacidade da Vida, a relatividade da Ciência e a quase perenidade da Arte. Autorepresentação do pintor que Cézanne evoca como protagonista do acto criativo em *O Sonho do Poeta* (1858-60). Figura reflexiva que habita o pensamento ocidental, modulando-lhe o discurso.

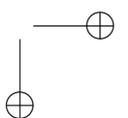
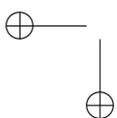




O LUGAR: A CASA-MUSEU DE JOÃO CARLOS NUNES DE ABREU



O nome “Universo de Memórias” não poderia ser mais adequado. Uma casa gerada por uma memória ressentida de bastardia, iconicamente erguida em frente de quem o seu dono desejou afrontar e fazer recordar, não deixar esquecer. Casa que se pacifica e



harmoniza agora acolhendo uma colecção de colecções feita, apaixonadamente reunidas, generosamente oferecidas ao nosso olhar¹⁸.

À entrada, junto ao portão, o placard anunciando a casa-museu, faz-me evocar, irresistivelmente, a tradição museológica em que ela se inscreve. *À vol d’oiseau*.

Primeiro, ao lado da versão mais institucional das colecções e tesouros religiosos em capelas, o studiolo, lugar de reflexão dedicado à identidade e à alteridade culturais, sob a tutela das musas e dos deuses, acolhendo desde a arte às cartas geográficas, passando por manuscritos e objectos exóticos. A famosa grotta de Isabelle d’Este, com mais de 1600 peças, é dos mais famosos exemplos dessa prefiguração dos posteriores gabinetes de curiosidades.

Nos séculos XVI e XVII, os fascinantes “cabinets de curiosités” ou de “merveilles”, lugares de imóveis viagens, desejaram-se espelhos do mundo, à semelhança da velha e clássica literatura de viagens que se intitula como tal. Neles, o sagrado (reliquias de santos), o lendário (o corno do unicórnio, p. ex.), o exótico (do Novo Mundo) e o remoto (da Antiguidade Clássica) coexistem em harmonia, sobrelotando divisões e armários-expositores¹⁹.

¹⁸ Construída no último quartel do século XIX por Simeão Francisco, filho ilegítimo do pai da Condessa da Calçada e repudiado pela família, que decidiu, por isso, emigrar para Demerara, na Guiana Inglesa, onde fez fortuna e de onde regressou à Madeira nos finais do século XIX. A sua descendência fixou-se nos mais variados países, tais como: Portugal, Canadá e Inglaterra. Toda esta história é relatada, envolta em alguma ficção no livro da escritora Helena Marques, *Os ibis vermelhos da Guiana*.

O Governo Regional comprou este imóvel, em 2001, para albergar todo o espólio de colecções doado à Região Autónoma da Madeira, por João Carlos Abreu, escritor madeirense e Secretário Regional do Turismo e Cultura desde 1980.

¹⁹ Gabinetes e literatura potenciando viagens imóveis, como hoje também a *Internet*, onde, p. ex., o site dedicado às *7 Merveilles do Monde Antique* nos convida a observá-las segundo uma vigem bem organizada (“*A vos sacs à dos! Préparez-vous à partir pour un voyage mémorable sur les différents sites où se trouvent les 7 merveilles!*” e “*Il vous suffit de cliquer sur une destination et les merveilles de la technologie*”).

A cultura da curiosidade evidencia-se nas célebres colecções (*Kunst und Wunderkammer*) de Fernando do Tyrol no castelo de Ambras, de Rodolfo II em Praga, de Francisco I de Médicis em Florença. . .

Claro que tal privatização do universal tem, necessariamente, de passar por operações intelectivas que a Retórica explica: a selecção, a miniaturização, a sinédoque, a representação e o símbolo. Só isso (e mais alguma coisa!) pode dar origem a “armários de maravilhas” com gavetas e divisões encenando o grande continente que é o mundo. E tudo se organiza segundo uma classificação de máxima abrangência: *naturalia* (com representantes dos mundos mineral, vegetal e animal) e *artificialia* (onde a Arte e a Ciência se encontram), mas também a exótica (referente ao Novo Mundo), quando se autonomiza. Aparentemente, tudo cabe lá, resta o inultrapassável problema de escalas. . .

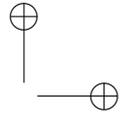
Depois, nos séculos XVIII e XIX, sob o impacto do racionalismo enciclopedista, o privado cede ao público e ao comunitário, o heterogéneo dá lugar ao especializado e o fantástico, ao representativo, oferecendo-se em museus que se multiplicam até hoje.

Apesar disso, o fascínio pelos velhos “cabinets de merveilles” sobrevive com a mesma intensidade de outrora. Mesmo quando intitulam novas propostas desse mesmo gesto de recolha.

Prova disso é o projecto cultural com esse nome desenvolvido recentemente no Vale de Aosta e que assim se apresenta:

“CABINET AUX MERVEILLES est un projet du Bureau des Expositions de l’ Assessorat de l’Éducation et de la Culture de la Région Autonome Vallée d’Aoste, le but étant la proposition des recherches les plus avancées dans le cadre de l’art contemporain. Il s’ordonne autour de quatre expositions collectives – avec deux artistes chacune – qui seront

vous y enverront en un temps record”), cartografada e sitografada. Cf. <http://tecfa.unige.ch/tecfa/teaching/UVLibre/9899/jeu12/welcome.htm>



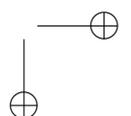
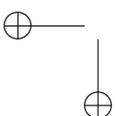
aménagées auprès de la Tour du Lépreux du mois de juillet 2001 au mois d’août 2002.

Ce nouveau projet représente la continuation idéale d’AOSTECONTEMPORAINE, l’initiative – juillet 2000/ juillet 2001 – qui avait pour but de faire face à l’absence absolue d’espaces et de ressources pour l’art contemporain en Vallée d’Aoste. La nouvelle manifestation a les mêmes intentions: faire ressortir des personnalités nouvelles et en présenter les travaux les plus intéressants. Cette année la particularité réside dans le choix de proposer des recherches ayant trait non seulement aux arts visuels, mais aussi à la musique, à la poésie et à la recherche philosophique. Le choix de mettre en relation réciproque des langages d’expression très différents découle de la nécessité par les artistes mêmes: expérimenter ensemble des projets communs.

L’intitulé est la traduction littérale de la notion de Wunderkammer – la pièce où l’on conservait, dans les siècles passés, les objets d’art et les curiosités naturelles et qui constitue l’origine du musée. Le choix dérive de la variété d’objets et des curiosités des recherches présentées à la Tour du Lépreux: y passer à travers devrait éveiller notre surprise et notre stupéfaction et nous inciter à approfondir et à aimer l’art contemporain.”²⁰.

Também o demonstram a exposição “Touts les Savoirs du Monde” (“L’inventaire des merveilles du monde”) na Biblioteca Nacional de Paris, ou a “Du cabinet de curiosités au multimédia”, “antologia virtual” que a mesma Biblioteca Nacional organizou com “Tout un ensemble de documents et de **formes d’expression des civilisations humaines**, jusqu’à la plus récente, dans laquelle nous

²⁰ Texto de apresentação do folheto publicitário também reproduzido no *site* onde se anuncia em http://www.regione.vda.it/Cultura/esposizioni/iniziativa_f.asp?cod=40.

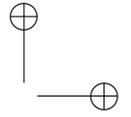
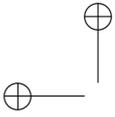


vivons, intégrant **les media les plus contemporains**, audiovisuels, multimédia et informatiques”²¹, ou “Le cabinet de curiosités ou l’objet entre l’art et la science”, exposição no site da UCL (Université Catholique de Louvain) à Bruxelles, de 2 a 30 de Outubro de 2003, depois levada para Louvain-la-Neuve (Forum des Halles), de 4 a 11 de Novembro de 2003, ou o **Cabinet de curiosités de L’Officiel des Musées**²², em Paris, ou os “ **Cabinets de Curiosités**” *on-line*, alguns com museu e com exposições itinerantes²³,

²¹ Cit. de <http://gallica.bnf.fr/anthologie/D2/T2-3-Diversite.htm>.

²² Que assim se apresenta: “*Wunderkammer*: cabinet de curiosités, chambre des merveilles, sorte décriin pour objets précieux, étranges et rares, réunis non en fonction de certaines exigences esthétiques mais d’un intérêt encyclopédique privilégiant l’inusuel et le vétuste, et plaçant sur le même plan, un bibelot en or et un crocodile empaillé, un coquillage et une pièce de monnaie ancienne.” (citado de <http://www.officiel-musees.fr/curiosite/curiosite.html>).

²³ Por exemplo, “*Le Cabinet de Curiosités*” (http://www.musique-mecanique.com/pag_musee/musee.htm) da Associação “Faites de la Musique Mécanique” organiza exposições sobre diferentes temas. “Musique en Boîtes, Boîtes à Malices” reúne “30 instruments anciens de Musique Mécanique en démonstration, avec leurs références historiques, dans un environnement de fête foraine d’autrefois. Au programme des concerts de pianos (reproducteur) les grands pianistes du début du siècle: Paderewski, Camille Saint-Saens, Richard Strauss, Claude Debussy ou Maurice Ravel. Soirées Cabarets dans le goût du ‘Chat Noir’ ou du ‘Moulin Rouge’ avec nos chanteuses et chanteurs, accompagnés à l’orgue de Barbarie. Réalisé au Grand Palais à Paris, pour la Région Midi-Pyrénées en 1987; à Singapour pour le Raffles Hotel à Noel 1993, pour la Cité de la Musique mars/juin 1997.” “Hier, c’était déjà Demain” apresenta “La haute technologie d’hier et d’aujourd’hui, en prenant des exemples dans la locomotion (les similitudes d’un pianola avec un simulateur de vol), le système binaire depuis les vieilles machines à écrire, jusqu’aux imprimantes à boules, en passant par les métiers à tisser de Jacquard, et les orgues de barbarie; le cinema et le pré-cinéma depuis le praxinoscope jusqu’à la télévision numérique. Réalisé pour Edf-Bazacle en 1992”. “La Musique à Mécaniques” é “Valise pédagogique, ou stand d’animation. L’arrangement musical en ‘live’, la création de fichiers midi, par un artiste, la restauration de cartons abimés, toutes les possibilités de l’informatique musicale au service de la perforation de cartons pour orgues. Conçu pour les écoles depuis 1985, primé au Faust de Toulouse, en 1996, nominé à Bourges pour



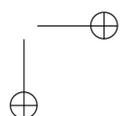
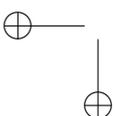
outros em permanente renovação²⁴, etc. São igualmente inúmeras as exposições de tipo mais individual, concentradas na figura do colecionador, como é o caso, p. ex., de “Le cabinet de curiosités de Félicien Rops – Caprice et fantaisie en marge d’estampes”, exposição apresentada de 22 de Novembro de 2003 a 29 de Fevereiro de 2004 no Museu Félicien Rops (criado em Namur, na Bélgica, em 1964) por ocasião da sua reabertura, após ter sido remodelado,

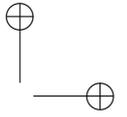
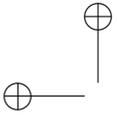
les Passions Technologiques en 1997”. “Concerts-Évènements” foi concebida “Pour l’animation de l’exposition ‘Toulouse-Lautrec’ au Grand Palais en 1988, au Raffles-Hotel, pour la réception de Noel 1993, pour les 20 ans du Ludion, en Octobre 1996, à Silverdale pour la convention annuelle de la Mbsi en 1997, pour une évocation de la musique ibérique avec des rouleaux de Manuel de Falla, Henrike Granados et Albéniz (sur Welte Mignon), dans le cadre de Toulouse les Orgues, à la Halle aux Grains; nous avons trouvé les voix et les instruments qu’il fallait. Demain nous trouverons ce qu’il faudra pour que votre événement soit inoubliable...”

²⁴ É o caso do **Cabinet de curiosités on line** em permanente renovação com as secções “Curiosité du mois” (p. ex., “Des conjectures, vraies ou fausses”, “Les nombres phénix”, etc.) e “Autres curiosités” (p. ex., “L’invention du jeu d’échecs”, “Le problème de Syracuse”, etc.) (Cf. http://baudolino.free.fr/Canard_chimede/curio_.html). Outro exemplo é o **Cabinet de curiosités on line**, iniciativa das Éditions Cactus convidando à participação e apresentando-se do seguinte modo:

“Le cabinet de curiosités est un espace de découvertes et de partage de travaux d’artistes discrets, d’oeuvres bricolées, de matières sonores, de graphisme, d’expériences d’écritures traditionnelles ou électroniques, d’humour et de poésie. C’est un relais vers des travaux et leurs auteurs auxquels nous sommes sensibles. Cet espace est ouvert à tous les amateurs de curiosités et il vous est possible de l’enrichir.” (http://www.editions-cactus.com/d_index.php3?menu=curiosites&ligne=2&page=curiosites/index.php3)

Exemplo original, mas já especializado, é o “ **Un cabinet de curiosités (1895-1979)** – Une cinémathèque à domicile: Re(découvertes) sur le câble” (<http://www.cine-studies.net/r4a.html>), que coloca à disposição do internauta filmes, programações e críticas.

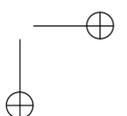
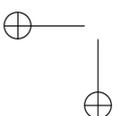


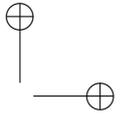
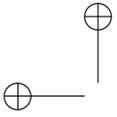


ou do internético “Cabinet de curiosités” dedicado à obra de Jean Ray, falecido em 1964²⁵. E há, ainda, iniciativas de debate científico e de divulgação como **Les cabinet de curiosités** da Maison des Sciences, sob a tutela do Espace Mendès France e da Académie de Poitiers, que organiza jornadas de estudos subordinadas ao tema “Curiosités et cabinets de curiosités du XVIIe siècle au début des Lumières” (a 1.ª Jornada realizou-se em 5 de Fevereiro de 2003 e a 2.ª de 4 a 5 de Fevereiro de 2004). E poderia continuar a enumerar iniciativas que evidenciam o sempre vivo fascínio que esta tradição de colecionismo do heterogéneo mantém para nós, ao lado de outra que tendeu a especializar-se (filatelia, numismática, etc.) e a institucionalizar-se em associações ou outras formas de organização de trocas e aquisições, com comércio especializado, etc..

Mas continuo onde esta evocação me interrompeu, com ela em contra-luz, enquadrando as diferenças.

²⁵ Cf. <http://www.noosphere.com/heberg/jeanray/curiosites.htm>.

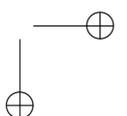
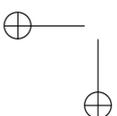


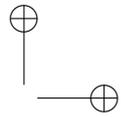


A VISITA



Atravessamos a casa segundo a lógica mnésica mais natural: a temática. Cada divisão é dedicada a um tipo de colecção: os cavalos, as gravatas, as pratas, etc.. Em cada uma, os objectos convivem, aproximando os seus tempos e os seus espaços de origem, em jeito de proustianas *madeleines*. . . Entre essas divisões, tecem a transição as escadas, os corredores, as peças de mobília e os quadros, como “separadores” que, em vez de exercerem essa função,





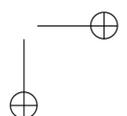
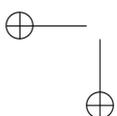
se constituem como intervalos preparatórios de uma sequência surpreendente, libertando-nos de uma imagem impressiva e tornando-nos receptivos à seguinte, curiosos e anelantes dela. Ou talvez sejam um discurso imbricado noutro, uma continuidade “genológica” numa descontinuidade temática. Complexidade apelando a re-visitações e a marcha lenta, reflexiva.

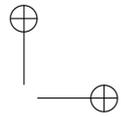
O gesto apaixonado reuniu os objectos. Um abraço ansiando captar o mundo, deslizando, após cada exaltação de descoberta e posse, para o deceptivo sentimento de impossibilidade da plenitude afectiva. A paixão, por vezes, roça uma dimensão religiosa, aquela que lhe dita a etimologia (*re-ligare*)...

A exposição evidencia essa origem emocionada: multiplica, acumula quase à exaustão do observador os ícones dessa paixão sempre insatisfeita e plural, unificando a diversidade sob esse efeito de indistinção que domina, por fim, o visitante. Como acontece quando tentamos apreciar perfumes intensos e o nosso olfacto, sobreestimulado, se insensibiliza progressivamente à especificidade de cada um, obstando à pretendida selecção...

Esse critério justifica-se e legitima-se na casa e na sua *personalidade*. A visita é, no fundo, uma visitação à intimidade exposta de quem lhe dá o nome, está vivo e a imagina. Como acontece com o signo estético, gerado na comunicação algo perversa entre autor e o fantasma do seu leitor e sobrevivendo na multiplicação de leituras que lhe fantasmizam a autoria. Aqui, porém, há uma guia que nos conduz através da casa e que nos apresenta as peças, representando esse ausente presentificado na terceira pessoa do discurso oral, no nome da casa e no grande painel à direita do jardim. Sinal do desejo comunicativo do coleccionador e do seu visitante, como também de uma tímida e sedutora *coquetterie*, desenvolvida na hesitação entre a certeza da cumplicidade e o temor da incompreensão.

O projecto de casa-museu é sempre informado de melancólico presentimento do fim: o legado à comunidade gera-se no despen-

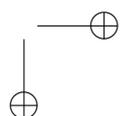
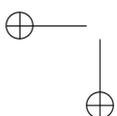




dimento das peças, na carícia da despedida a objectos que, acima de tudo, cristalizam para o coleccionador os impulsos emocionais e intelectuais que o moveram à sua aquisição, momentos da sua vida, fragmentos dela, vivências intensas, quantas vezes, também, aquilo de que ele abdicou, preferindo-os a outros interesses. Seguir a cronologia das aquisições desde os seus 16 anos seria esboçar a biografia do homem, descobrir-lhe a intimidade nos interstícios da vida pública, acompanhar o seu amadurecimento, a metamorfose dos gostos e da sensibilidade, as *nuances* da sua relação com a alteridade cultural²⁶. O seu museu-vivo, lugar de habitação onde os objectos funcionam (mesmo apenas como ornamentos), esvazia-se dolorosamente deles, subitamente tornados ícones alheios em alheio espaço: a sensorialidade da manipulação cede a uma ascética visualidade, iniciando a velatura do *estranhamento*. . . No templo comunitário, os objectos adquirem a esfíngica imobilidade da morte e do esquecimento do dono, um brilho inalterável sob a luz imaterial dos focos.

No “Universo de Memórias”, o tempo talvez venha a substituir o actual critério humanizador por critérios mais tipicamente museológicos (o cronológico, o cultural, o representativo), delindo ou dissolvendo mesmo a pessoa do coleccionador. A coreografia reordenará, nesse caso, os objectos em função de uma identidade epocal e cultural, seleccionando os mais representativos, apresentando-os envolvidos por um espaço de respiração que os isola e denuncia o abandono da humanidade, mostrando-os numa relação sem surpresas, de consonância. E a deslocação do visitante lembrar-lhe-á uma viagem no tempo e no espaço, arqueo-

²⁶ A casa está intimamente ligada ao percurso de vida do doador, trajectória de aquisições. Como jornalista, viveu em Roma, onde trabalhou no Concílio Vaticano II, depois, em Inglaterra, onde trabalhou na indústria hoteleira. Mais tarde, voltou a Itália, tendo estudado Gestão de Empresas em Bolzano e, daí, partiu para várias viagens de estudo e lazer. Voltou definitivamente à Madeira, sua terra natal, em 1968, trabalhando como jornalista, agente de viagens e director de hotel.



lógico-cultural. Escamoteadas ao seu olhar, constituindo o fundo do museu, ficarão as peças de menor valor histórico-cultural, sendo muitas delas as mais expressivas da sensibilidade, do gosto e do critério do colecionador. O problema de qualquer História de Arte, afinal: o mais representativo de um estilo não é, necessariamente, o mais expressivo de um autor.

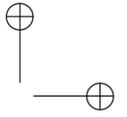
Até lá, saboreemos o “Universo de Memórias” como se nos oferece, com a sedutora presença-ausência de João Carlos Nunes de Abreu.



O segundo universo de memórias: a obra de Casimiro de Brito. Que revisitei em jeito também memorialístico.

Ao longo de vinte anos, a imagem do autor e da obra mudaram para mim. Em *Labirinto Sensível* (título composto de partes de dois do autor), dei conta disso, reunindo, revendo e re-perspectivando ensaios, iluminando-os de outro ângulo legitimado por obra mais recente e pela inédita²⁷.

²⁷ Cf. *Labirinto Sensível* (escrito em co-autoria com Casimiro de Brito), Lisboa, Roma Editora, 2003.



No início, dominou-o uma perspectiva construtiva e prospectiva, apolínea, arquitectónica. Em *Labyrinthus* (1981), “polifonia dramática”, as “legendas”, poemas de três versos e de três palavras, que o atravessam enunciam, no seu conjunto, uma Arte Poética coincidindo com o Plano da Obra. Cada um deles propõe um tópico fundamental: o poeta, a vida, o corpo, a mulher, o tempo, a escrita, a terra, o homem, o amor, a obra, o texto, o mar, o escritor, a morte. A eles regressará também em incisões poéticas no seio de obras diversas, como acontece com “A Arte da Escrita”, poema de *Animal Volátil*:

1

A criação do poema: batalha silenciosa entre o som e o sentido.

2

Autor? Amante? Se ficas o mesmo depois dessa viagem, não fizeste viagem nenhuma.

3

Não há poema para si; não há poema sem Outro, a quem, cego, se ofereça.

4

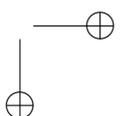
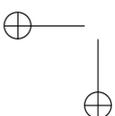
O salto imprevisível da escuta para a escrita.

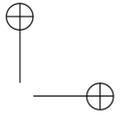
5

Aceitar, absorver, engolir tudo: factos, metáforas, inspirações – o caos, a contaminação da rua e do cânone e da corte. Depois o estilete, o estilo, a minha maneira.

6

O poema está mais quente na boca de quem o canta do que no ouvido de quem escuta.





7

Um poema não se escreve. O poema é escrito no momento preciso em que é o corpo de si próprio e pouco tem já a ver com a mão de quem escreve.

8

A emoção em arte é uma espécie de música, parece dada mas não foi (...) foi composta e depois parida com muita dor (ainda que a não sintas).

9

Depurar, depurar. O poema nasce das palavras que ficam pelo caminho.

10

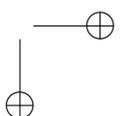
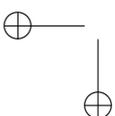
A palavra não diz nada, único dizer é o silêncio²⁸.

Através de um *zoom*, como sob o microscópio, a terceira “legenda” amplifica-se, vivifica-se, ficciona-se e oferece-se-nos em livro de grande complexidade genológica: *Pátria Sensível* (1983).

Esse projecto de arcnídea tapeçaria poética faz-me evocar a dimensão modelar, de representação diagramática de grandes mestres renascentistas (Kepler, Da Vinci, Luca Pacioli, etc.).

Depois, progressivamente, começo a pressentir uma outra perspectiva que os inéditos confirmaram: conclusiva, retrospectiva. A monumentalidade da obra assume uma dimensão religiosa (de ligação) e fúnebre: o(s) Livro(s) são, ao mesmo tempo, os seus hinos fúnebres e os blocos da sua pirâmide, lugar onde se encerrará por fim. Suicídio estético longamente preparado e perpetrado de modo a gerar uma imagem autoral rigorosamente desenhada em evanescente máscara funerária:

²⁸ Casimiro de Brito e Rosa Alice Branco, *Animal Volátil*, Porto, Afrontamento (Colecção “Poesia”, 47), 2002, pp. 62-63.



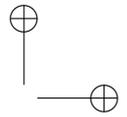
“/.../ e já fenece o que só pela morte se revela.”

“Uma lápide de água, sem epitáfio – ou esse que for sendo escrito pelo vento.”²⁹



A *pirâmide* é, pois, edificação de memória reflexiva. Marcada pelo “silêncio rumoroso” da música do mundo, habitado pela arte, fantasmizado pelos mestres. E pela melancolia que atravessa a Arte e o Pensamento ocidentais como o reconhece Dürer, até explodir em paroxístico grito finissecular (Munch) que ecoará através do século XX, fragmentado. Na cripta, o sujeito procura definir-se, inscrevendo-se numa linhagem estética que se identificou com a pátria (Camões, Cesário, Pessoa, etc.), tecendo a sua portugalidade de ocidentalidade, recortando o seu perfil no litoral português, sobreimpressão confundindo ambos os rostos, ambos os *corpos sensíveis*:

²⁹ Casimiro de Brito, *Livro das Obsessões*, *op. cit.*, p. 162.



“Frente ao mar meu corpo ardente e posto em sossego
ainda sonha. A memória e o destino. De, sendo já velho,
me sentir menino para novas aventuras. Europa é o
caminho. Amanhã é agora.”³⁰

Mas esse espaço é, também, lugar de uma confluência estética e filosófica entre Oriente e Ocidente que fantasmiza definitivamente o signo britânico, assumido *Na Via do Mestre* (2000), dos *Mestres* (*Ode & Ceia*, 1985), e exibido na sua expressão mais sintética: o fragmento. No interior deste, cenário de dramático *ballet*, a imagem volatiliza-se e fascina-me, protagonizando a *ars moriendi*:

“Animal andrógino que dança até à morte, a mais volátil, a
do jardim das delícias.”³¹

E a Arte torna-se *Arte da Respiração* (1988), de *Intensidades* (1995) e de *Frágil Sabedoria* (*Da Frágil Sabedoria*, 2001), da mesma forma que a obra se reivindica *Opus Affettuoso* (1997).

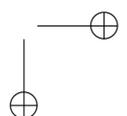
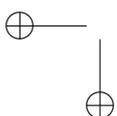
Transfigurados de modo calculado pela morte consubstancial à escrita, o autor e a sua imagem, fénixes renascidas, revelam-se figuras *crísticas*, no sentido estético e retórico da expressão.

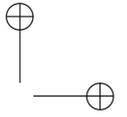
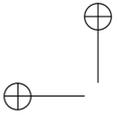
Entre esses dois pontos focais, uma perspectiva em movimento ou múltipla: a do *Livro das Quedas*, do *Livro das Obsessões*, etc., obras inéditas que o acompanham e antologiam. Por novo *zoom*, um ano recorta-se, amplifica-se e dá-se a ler em diário que em si acolhe a diversidade genológica e uma antologia pessoal da Literatura universal: *Na Barca do Coração* (diário de um ano) (2001).

As visitas terminaram. As vozes elevam-se em efusão, confundindo-se. E aquele anjo de Dürer persiste apenas nesta página da minha memória.

³⁰ Casimiro de Brito, “Portugal” in Hans van de Waarsenburg (org.), *Hotel Europa. 12 Europese dichters over de euro*, Maastricht, 2001, p. 5.

³¹ Casimiro de Brito e Rosa Alice Branco, *ibidem*, p. 9.





Esta publicação foi financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projecto “PEst-OE/ELT/UI0077/2011”

